

Rui Alexandre Grácio

**DISCURSIVIDADE E PERSPECTIVAS.
QUESTÕES DE ARGUMENTAÇÃO**

Índice

Prefácio	7
1. Para uma teoria geral da argumentação	11
2. Discurso, argumentatividade e argumentação	13
3. Contributos para uma teoria geral da argumentação: uma leitura da <i>Retórica</i> de Aristóteles.	15
4. A ruptura argumentativa e o acesso ao assunto em questão	19
5. Da retórica à argumentação: tema, assunto, perspectiva, questão, contradiscurso, tese e argumentos	23
6. Uma leitura do padrão de análise da argumentação de Toulmin: da garantia à perspectiva, do reforço ao poder	27
7. Dificuldades em identificar um discurso ou texto como argumentativo — contributo para uma teoria geral da argumentação	30
8. Uma leitura argumentativa do texto «Carta de Birmingham» de Martin Luther King.	38
9. Argumentar a propósito... e algo mais.	43
10. Práticas discursivas e argumentação: anatomia de uma ambiguidade	49
11. Raciocínios e perspectivas: O que é uma tese? E o que são argumentos?	52
12. Da persuasão à argumentação: desafiar enunciados a partir de assuntos em questão.	55

13. Do auditório à interrogatividade: para uma crítica do paradigma persuasivo no estudo da argumentação	59
14. Teorias da argumentação — o estado da arte	72
15. Interpretação, análise do discurso e argumentação	86
16. O que são «argumentos»? Para além das perspectivas lógica, linguística e retórica	91
17. Os argumentos como valores de troca sob vigilância na interacção comunicacional	101
18. Duas formas de conceber «argumento» e uma forma de conceptualizar a argumentação.	106
19. Entre o «como se» e o «e se?», argumentamos	119
20. Para além da argumentatividade: a unidade da argumentação	135
21. O que é uma teoria geral da argumentação?	151
22. Haverá meio de unificar a noção de argumento?	160
23. Que fenómenos estuda a teoria da argumentação? Em que consistem as suas tarefas descritivas?	164
24. «Isso não é argumento!»	181
25. Uma ciência dos assuntos em questão	190
Referências bibliográficas	195

Prefácio

O presente livro reúne um conjunto de textos que se inscrevem num mesmo denominador comum: o de levar a cabo uma reflexão sobre as teorias da argumentação, procurando questionar as insuficiências de certas abordagens dos fenómenos argumentativos tendo em consideração a sua adequação descritiva.

A mola desta reflexão tem origens precisas, relacionadas com a *dimensão prática* das competências argumentativas e com a discrepância entre as potencialidades das diferentes perspectivas teóricas e a sua fecundidade no que diz respeito ao ensino da argumentação. Foi esta questão que me levou a procurar novas formas de conceptualizar os fenómenos argumentativos e a propor a unidade «assunto em questão» como conceito fundamental para, mais que proceder a uma análise dos discursos argumentativos e da argumentatividade discursiva, poder abordar a argumentação como uma forma de *interacção* caracterizada pela presença de um discurso e de um contra-discurso.

Optando por uma visão interaccionista que, a meu ver, é a que melhor capta a *dinâmica prática do argumentar*, afastei-me quer das teorizações que colocam a ênfase na composição do discurso de forma a comunicar de uma forma argumentada as suas ideias, quer da tradicional ligação da argumentação com a persuasão que, fazendo desta última o objectivo da

primeira, coloca a tónica numa teoria da recepção, privilegiando o discurso como forma de influência.

Em vez de associar a argumentação à persuasão, e não negando a importância desta última, o ponto de partida utilizado para a sua tematização foi a noção de *oposição entre discursos*. Por outro lado, e afastando-me das visões proposicionalistas que tendem reconduzir as questões de argumentação a questões de raciocínio e à avaliação racional de argumentos, ao falar de oposição entre discurso e contra-discurso considero que o que se opõe são *perspectivas sobre assuntos* e não proposições. Dito de outro modo, e assumindo que à própria discursividade é inerente a perspectivação, no sentido em que há sempre um processo selectivo que leva a orientar para uma determinada forma de ver em detrimento de outras, a oposição discursiva resulta do choque entre essas formas de ver e por desencadear uma interacção polarizada por um «em questão».

A visão interaccionista, colocando a tónica na noção de oposição em torno de um assunto em questão remete antes de mais uma *situação* que se revela descritivamente adequada e que, em vez de se centrar no funcionamento da língua, em avaliações dos raciocínios destacados dos seus contextos circunstanciais ou em processos de análise textual, permite captar a *argumentação em acção* e, mais do que considerá-la do ponto de vista do discurso monológico planificado com vista a persuadir, toma a dissensão como a noção que faz justiça à dimensão no mínimo bilateral das argumentações (comportam, pelo menos, dois lados ou duas incidências que entre si conflituam) — sublinhando-se aqui que a relação com o outro e a forma como cada participante é considerado pelo outro é uma característica do discurso argumentativo.

Nesta visão em que a *interdependência discursiva* é trazida a primeiro plano, a própria noção de argumento deve passar a ser radicalmente considerada como uma *força circunstanciada* não definível *a priori*: é preciso olhar para a interacção para se perceber o que se procura fazer funcionar como argumento e o que revela ter, ou não, força argumentativa tendo em conta a progressão da interacção e as intervenções dos participantes.

Ciente de que as propostas para que os textos nesta obra reunidos apontam se distanciam, nos seus pressupostos filosóficos e descritivos, das formas mais habituais de abordar a argumentação (que vulgarmente partem de uma teoria do argumento), enfatizei, em detrimento das visões *justificacionalistas* da argumentação, a sua dimensão polémica remetendo-a para um tipo específico de questões que se poderiam designar como *ambíguas* justamente por admitirem uma pluralidade de respostas

e em que o que está em causa, mais do que aplicar critérios, está a sua definição e a sua prevalência. Neste sentido, a argumentação liga-se ao problema da acção pela via das opções com que se configuram modos de ver considerados como preferíveis, o que permite dizer que as questões de argumentação são essencialmente questões de perspectiva em oposição com outras perspectivas.